

“NEM A MARINHA DEU JEITO!”: A ESCOLA DE APRENDIZES-MARINHEIROS DA BAHIA (1910-1945)

Raul Coelho Barreto Neto¹

Instituída em 1855 com o nome de Companhia de Aprendizes-Marinheiros, a Escola de Aprendizes-Marinheiros da Bahia foi uma das primeiras a serem criadas pela Marinha de Guerra, estando sempre sediada em Salvador, capital do estado, até a sua extinção em 1973. Através de um sistema de internato com duração de um a dois anos, proporcionava aos jovens futuros marujos educação básica, formação cívico-militar, mentalidade marinheira, culto às tradições navais, noção de disciplina e o grau de higidez compatível com as exigências da vida de bordo. Adolescentes provenientes da capital e de cidades do interior – especialmente do Recôncavo baiano –, cuja faixa etária, a depender do período, ia dos 10 aos 17 anos. Dentro do contexto da segunda metade do século XIX e primeira do século XX, foi uma das raras instituições públicas voltadas ao amparo e à instrução do adolescente de baixa renda no estado. Essencialmente amparado na chamada história social e recorrendo a uma discussão com os pensamentos de teóricos como Michel Foucault e Pierre Bourdieu, este trabalho tem como objetivo principal debruçar-se sobre a identificação e análise de aspectos relacionados às condições de existência destes adolescentes baianos da primeira metade do século XX, mais precisamente entre os anos de 1910 a 1945. Assim, são alvos da análise as relações de poder estabelecidas e as estratégias de sobrevivência adotadas tanto no âmbito interno da Escola como também fora de seus limites espaciais, os movimentos migratórios que levavam muitos deles a trocar as incertezas do universo interiorano por um outro, tão incerto quanto, na grande capital, dentre outros elementos percebidos no estudo deste objeto de pesquisa que tão bem expressa as muitas influências que o mundo naval sempre exerceram na vida deste autor. Metodologicamente, no que diz respeito à busca por fontes primárias que nos tragam subsídios suficientes para uma melhor compreensão do passado da Escola de Aprendizes-Marinheiros e seus vários sujeitos históricos, algumas considerações se fazem necessárias. Ao longo do processo de identificação e coleta dessas fontes, pôde-se confirmar, por exemplo, algo desde cedo suscitado: a documentação acerca do objeto, em sua grande maioria, tem como origem a sua esfera oficial. Em outras palavras, quase tudo o que há de registrado a respeito dos “marinheiros de primeira viagem” que investigo o foi feito pelos seus superiores, dos sargentos e oficiais que mantinham contato direto com os jovens, em Salvador, aos ministros da Marinha, no Rio de Janeiro, quando da elaboração de seus relatórios anuais ao presidente da República. Em termos de fontes primárias, muito pouco teve como ponto de partida os próprios aprendizes, como as entrevistas realizadas e as obras memorialistas. Dentro daquilo o que tem sido

¹Mestrando da Universidade do Estado da Bahia E-mail: raulbarretoneto@yahoo.com.br.

interpretado, é possível observar uma série de nuances a respeito da Escola de Aprendizes e seus sujeitos. Por exemplo, as formas, motivações e possibilidades de ingresso, a importância estratégica dessas escolas para a Marinha, suas condições infra-estruturais de funcionamento, a rotina dos alunos, suas relações com colegas e superiores, e a simbologia de ser um aprendiz-marinheiro fora dos limites físicos da Escola.

Palavras-chave: infância – história; Marinha – história; relações de poder.